

CONSTRUIR UM EDUCATIVO E PROMOVER ACESSIBILIDADE: UM POUCO DA TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA DE MUSEU

*Denise Peixoto

Universidade de São Paulo

*E-mail: dpeixoto@usp.br

Introdução

O Museu Paulista da Universidade de São Paulo foi o primeiro museu criado no Estado de São Paulo e o quarto no Brasil. O edifício onde está instalado, construído entre os anos de 1885 e 1890 foi idealizado pelo império para marcar o lugar da independência e celebrar a memória de D. Pedro I, seu primeiro imperador.

Durante sua construção, inúmeras discussões ocorreram para definir seus possíveis usos, mas foi somente após a Proclamação da República, ocorrida em 1889, que ficou decidido que ele abrigaria coleções pertencentes ao Estado. Assim, em 1895 o Museu Paulista abriu suas portas ao público como um museu de história natural, com coleções de zoologia, botânica, numismática, arqueologia, mobiliário, obras de arte do gênero pintura histórica, entre outras.

Ao longo das décadas, seu perfil foi se reconfigurando com a transferência de vários núcleos de acervos para compor ou dar início a novas instituições tornando-o especializado em história do Brasil, sobretudo de São Paulo. Por outro lado, sua inserção na Universidade de São Paulo em 1963 reforçou seu caráter de espaço científico, educativo e de extensão cultural e, nas últimas décadas, suas linhas de pesquisa se inseriram no campo da história e da cultura material.

Desde sua abertura recebe inúmeros visitantes, de diferentes perfis e distintas localidades, tendo figurado muitas vezes como o mais visitado do país. Tornou-se ao longo dos anos referência para inúmeros brasileiros, seja por sua vinculação histórica aos episódios da independência, seja por ser o primeiro museu visitado por muitos desses (e, às vezes, o único).

Embora a instituição tivesse uma longa e consistente trajetória, somente em 2001 o Museu passou a contar com uma área educativa, formalmente instituída. Assim, a partir desse momento, com a contratação de uma educadora, foram estabelecidos os referenciais teóricos e metodológicos, bem como definidas as práticas para a atuação didático-pedagógica junto a diferentes perfis de público, inclusive pessoas com deficiência.

Objetivo

Pretende-se, com esse trabalho, apresentar como a área educativa do Museu Paulista se configurou, suas linhas de ação e, principalmente, como foram estabelecidos os pressupostos para tornar a instituição acessível e inclusiva para distintos perfis de público.

Metodologia

No final dos anos de 1989, quando as últimas coleções foram transferidas, inicia-se uma grande transformação na instituição, agora sob direção do prof. Dr. Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses. O período entre 1989 e 1994 foi marcado pela mudança

de rumos para a instituição que teve sua missão institucional redefinida, consolidando seu perfil como museu de história, com ênfase em história da cultura material, sobretudo de São Paulo entre 1850 – 1950. Ele não apenas redirecionou as linhas de pesquisa e o perfil de acervo, mas lançou as bases da lógica de funcionamento institucional com impactos na configuração de seu organograma funcional.

No Plano Diretor, Meneses propôs uma definição de Museu que acompanha a trajetória institucional até os dias atuais. Segundo o documento, “Trata-se, pois, de museu, não de outro qualquer organismo científico, cultural ou educacional. Por isso, o que deve caracterizá-lo é a referência obrigatória e permanente a um acervo de coisas materiais, no desenvolvimento das responsabilidades da curadoria, que compreende a execução ou orientação de todo um ciclo de atividades: a formação e ampliação permanente das coleções, sua conservação física, seu estudo e documentação, assim como a socialização, seja do acervo assim disponível, seja do conhecimento que ele permita gerar e completar. São, assim, solidárias, as tarefas científicas, culturais e educacionais”.

Essa visão teve impactos na criação do então Serviço de Atividades Educativas (SAE). Embora estabelecida apenas em 2001, esta área foi alocada junto à Divisão de Acervo e Curadoria, que abrigava também os serviços ligados aos acervos, conservação e museografia – além dos professores universitários do Museu. Assim, desde sua criação o SAE integrou a área científica do Museu, junto às demais áreas tradicionalmente ligadas à pesquisa e demais ações curatoriais.

No momento de sua definição, o SAE estabeleceu linhas de ação que procuravam ampliar a compreensão institucional sobre como sua atuação estaria inserida no ciclo curatorial e de que maneira contribuiria para o cumprimento da missão de um museu universitário. As linhas instituídas foram: a) Produção de Materiais Pedagógicos e de Apoio à Mediação; b) Pesquisas de Público; c) Participação na concepção das exposições; e d) Elaboração de Estratégias de Mediação, linha que se desdobrava em programas voltados para o atendimento de diferentes perfis de público, respeitando suas especificidades.

Partindo dos referenciais conceituais advindos dos estudos de cultura material, adotou em suas estratégias de mediação o trabalho com objetos, dando início em 2002 à formação de sua Reserva Técnica Didática. Objetos similares a algumas das tipologias que compõem o acervo do Museu foram sendo adquiridos e eram mobilizados e manuseados em visitas mediadas, como um dos caminhos para discutir e compreender a sociedade e as problemáticas sugeridas pelas exposições. Nestas visitas, pessoas com ou sem deficiência podiam vivenciar a experiência do toque como parte do processo de reflexão e, no caso de pessoas cegas, permitiriam uma melhor compreensão dessas materialidades sem apoiar-se exclusivamente na audiodescrição das obras.

Com o passar do tempo, esforços foram realizados para buscar soluções para aqueles itens de acervo notadamente visuais, que por se tratarem de obras imagéticas bidimensionais não se “prestavam” à experiência tátil diretamente. Assim, telas em resina, com imagens em alto-relevo e visutáteis (nome dado a uma técnica de aplicar texturas serigráficas sobre uma imagem fotográfica) começaram a ser confeccionadas para compor o acervo tátil da Reserva Técnica Didática.

Resultados

A experiência trazida pela oportunidade de mediar grupos, as trocas realizadas com especialistas e principalmente a escuta de pessoas com deficiência foram determinantes para o planejamento de novas propostas educativas e abriram caminho para que esses recursos passassem a fazer parte das exposições do Museu, inseridas

no discurso expositivo. A primeira iniciativa neste sentido se deu com a exposição *Imagens Recriam História*, sob curadoria do prof. Dr. Paulo César Garcez Marins. Nela, em cada sala, uma tela de resina em alto-relevo, acompanhada com texto em tinta e Braille articulava-se ao tema principal da sala.

Com o passar do tempo, as discussões sobre a necessidade de o Museu Paulista remover barreiras impostas por um projeto arquitetônico do século XIX se intensificaram.

Posteriormente, com o fechamento do Museu em 2013 para obras de restauro e modernização, a acessibilidade tornou-se premissa fundamental tanto para orientar as obras civis, quanto para o projeto expográfico.

Muito além do mero cumprimento da lei ou normas técnicas, desejava-se propiciar ao visitante, sobretudo aqueles com deficiência, a possibilidade de fruir as exposições de forma compartilhada e em igualdade de condições.

Essa perspectiva, que teve início no início dos anos 2000, ganhou corpo e maturidade ao longo dos anos e foi adotada nas discussões do projeto das novas exposições do Museu, que seriam reabertas em 2022. A equipe educativa, que em 2012 passou a contar com mais uma educadora (composta, então por apenas duas servidoras) teve participação ativa e intensa em todo o processo de reformulação das exposições.

Por fim, é fundamental destacar que a experiência acumulada ao longo dos anos foi determinante para subsidiar a definição das materialidades dos recursos táteis que seriam produzidos e comporiam o discurso expositivo.

Considerando a diversidade tipológica dos acervos do Museu, e conseqüentemente, as diferentes matérias-primas utilizadas na confecção desses materiais, desejava-se propiciar ao visitante uma experiência tátil que, sempre que possível, tivesse correspondência direta ou aproximada com os originais. Assim, além da aquisição de objetos similares aos do acervo exposto, foi solicitado à artistas e artesãos que produzissem réplicas ou adaptações táteis seguindo esse pressuposto, ou seja, pedra, argila (cerâmica), couro, tecido, cimento, bordado, tecido, madeira e metal foram utilizados criando garantindo a especificidade sensorial que cada material oferece ao ser tocado.

Esta amplitude de materialidades tornou ainda mais complexa a gestão do projeto, tanto do ponto de vista do acompanhamento do desenvolvimento do trabalho dos fornecedores quanto da gestão administrativa, mas foi fundamental para garantir que os recursos multissensoriais propiciam uma experiência próxima da materialidade dos objetos dos acervos - até mesmo por considerarmos que a materialidade é um elemento fundamental para apreensão das questões propostas pelos acervos em exposição.

Desta forma, a equipe educativa pôde atuar não somente fornecendo orientações técnicas de como mobiliário e todos os aparatos expositivos deveriam ser “construídos”, mas especialmente nas discussões de como se daria a inserção desses para que pudessem receber toda a gama extremamente variada de recursos previstos. Somados aos recursos táteis, textos em linguagem simplificada, impressão em tinta e Braille, plantas orientacionais e piso podotátil, recursos de audiodescrição e Libras, formam um sistema integrado dentro da proposta expositiva.

Conclusão

A atuação de um educador de museu não se limita ao atendimento de crianças e adultos dentro do espaço expositivo. Mediar junto às exposições é apenas uma parte pontual, embora extremamente importante e potencial da atuação desse profissional. No caso do Museu Paulista, a inserção da área educativa no ciclo curatorial, sua

articulação com as demais ações de curadoria e a sua configuração como espaço de produção de conhecimento contribuíram para que as novas exposições ampliassem seu potencial informativo e formativo para diferentes perfis de público. Em geral, os espaços expositivos são concebidos partindo de um perfil bastante genérico de visitante e, posteriormente, faz adaptações pontuais e fragmentadas de soluções que visam à acessibilidade.

No caso do Museu, foi possível construir uma proposta em que os recursos de acessibilidade não fossem itens secundários, mas que estivessem inseridos na lógica narrativa de forma a permitirem, o compartilhamento da experiência por todas, todos e todes indistintamente.

Palavras-chave:

Educação em museu. Acessibilidade. Curadoria compartilhada.

Referências

ARRUDA, Isabela Ribeiro de; PEIXOTO, Denise Cristina Carminatti. Educação e curadoria no Museu do Ipiranga. In: LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de (coord.). **Ciclo Curatorial**. São Paulo: Edusp, Museu Paulista da USP, 2022.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Como explorar um museu histórico**. Museu Paulista. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Do teatro da memória ao laboratório da História**: a exposição museológica e o conhecimento histórico. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 2, n. 1, p. 9-42, 1994. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-47141994000100002>.